

» Manejo definirá os usos do Pema

A aprovação do plano de manejo do Parque Estadual Monte Alegre (Pema), no dia 10 de novembro, durante oficina organizada pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), tem importância decisiva para a alavancagem do turismo no município e também à realização de novos estudos e pesquisas sobre o acervo histórico-cultural e o patrimônio natural existente naquela unidade de conservação. O gerenciamento do parque, uma das primeiras medidas previstas no plano de manejo, também porá fim às ações de turistas predadores e vândalos, que tantos prejuízos já causaram ao patrimônio nele existente. O MPEG foi o responsável pela elaboração da proposta de plano de manejo, trabalho realizado no período de janeiro a outubro deste ano.

Criado oficialmente em 2001, com área de 5,8 mil hectares, o parque não foi efetivamente implementado e de fato não existia, pois faltavam a ele os estudos preliminares e o plano de manejo que indicassem como seus recursos naturais e histórico-culturais poderiam ser utilizados pela ciência, pelo turismo ou pelas comunidades das áreas em torno dele.

» Ações do plano

A criação de uma força-tarefa de gestão transitória, formada por instituições públicas e organizações não-governamentais, é uma das primeiras ações previstas no plano de manejo do parque. O arranjo institucional e as ações efetivas e planejadas de gerenciamento ainda serão definidas por um conselho consultivo do Pema a ser criado.

Na área do Pema, os pesquisadores do MPEG localizaram 42 espécies de anfíbios e répteis, 37 de mamíferos e 261 de aves. Entre estas últimas, a equipe localizou a aratinga pintoi, uma espécie endêmica de papagaio. "É uma espécie própria da região, só encontrada aqui, e que foi localizada em áreas de cerrado próximas a fontes de água", explicou a bióloga Regina Oliveira.

Quanto à identificação e estudo dos sítios arqueológicos existentes no parque estadual e às possibilidades de uso para turismo, os pesquisadores sugeriram que apenas alguns atrativos sejam liberados para visitação pública. Entre estes estão a serra da Lua, as grutas Itatupaoca e do Pilão, as pedras do Mirante e do Pilão e o painel do Pilão.

Visitantes ilustres, curiosidades seculares

Há séculos que as pinturas rupestres de Monte Alegre têm visitantes ilustres e chamam a atenção do mundo. E, pelos registros históricos, os naturalistas estrangeiros foram os primeiros a ter notícias e a estudarem as marcas deixadas pelos paleoíndios amazônicos. O botânico Carl Frederic de Martius e o zoólogo Hohan Baptist Von Spix, ambos alemães, parece terem sido os primeiros a visitar e estudar as pinturas paleoíndias, em meio a uma viagem que empreenderam pelo Brasil, no período de 1817 a 1820.

Outro que andou por estas bandas, em 1871, foi Charles Hartt, pesquisador canadense. Aqui, ele realizou estudos e se

reportou às pinturas rupestres da serra da Lua. O mesmo fez Alfred Russel Wallace, em 1889, quando publicou um trabalho contendo descrições das serras e grutas da região e referências às pinturas rupestres.

Já Orville Derby, em 1898, e Adolpho Ducke, em 1930, descreveram a serra do Aroxi, uma das formações rochosas que hoje compõem o Parque Estadual Monte Alegre. Eles deram destaque à exalação de gases quentes a partir de uma cavidade localizada na encosta da serra. As pinturas rupestres localizadas na gruta de Itatupaoca, encravada da serra do Ererê, também foram estudadas por Frederic Katzer, em 1933.